

# **O DESTINO DOS IMPÉRIOS E A BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA**

**Sir John Glubb**

## *O autor*



John Bagot Glubb nasceu em 1897, seu pai sendo um oficial regular dos Engenheiros Reais [do Exército Inglês].

Aos três anos ele foi com seu pai para as Ilhas Maurício, onde ele deveria servir por três anos. Aos 10 anos, foi enviado à uma escola na Suíça. Essas viagens ajudaram a abrir a sua mente o mundo exterior.

Ele entrou na Academia Militar Real em Woolwich em setembro de 1914, e serviu junto aos Engenheiros Reais em abril de 1915. Ele serviu durante a I Guerra Mundial na França e Bélgica, sendo ferido três vezes e recebendo a [medalha] da Cruz Militar. Em 1920 ele se voluntariou para servir no Iraque, mas em 1926 renunciou à sua posição e foi aceito num posto administrativo do governo iraquiano.

Em 1930, porém, ele assinou um contrato para servir no Governo Transjordaniano (atualmente a Jordânia). De 1939 até 1956 ele comandou a famosa Legião Árabe da Jordânia, que na verdade era o próprio exército jordaniano. Após se aposentar, publicou 17 livros, a maioria sobre o Oriente Médio, e deu várias palestras na Inglaterra, EUA e Europa.

[Nota extra: Seu ano de falecimento foi em 1986, em Mayfield, Inglaterra.]

## **Introdução**

À medida que passamos pela vida, aprendemos pela experiência. Nós olhamos nosso comportamento quando éramos jovens e nos indagamos como podíamos ter sido tão idiotas. Da mesma forma nossa família, nossa comunidade e nossas cidades lutam para evitar fazer os mesmos erros feitos pelos nossos antepassados.

As experiências da raça humana têm sido registradas, em maior ou menor detalhe, por cerca de 4000 anos. Se tentarmos estudar esse período de tempo no maior número de países possíveis, descobriremos os mesmos padrões se repetindo constantemente sob condições bem diferentes de clima, cultura e religião. E claramente, nos perguntamos: se estudarmos com calma e imparcialidade a história das instituições humanas e seu desenvolvimento nesses 4000 anos, não chegaremos a conclusões que nos ajudarão a resolver nossas dúvidas atuais? Já que tudo que ocorre conosco já aconteceu várias vezes no passado.

Tal conceito parece não ter adentrado a mente dos nossos historiadores. No geral, o aprendizado de história nas nossas escolas têm se limitado a essa pequena ilha [Inglaterra]. Nós ponderamos exaustivamente sobre os Tudors e os Stewarts, sobre a Batalha de Crecy, e Guy Fawkes. Talvez essa estreiteza se deva ao nosso sistema de avaliação, que exige a definição cuidadosa de cada sílaba, que cada criança deve conhecer de cor.

Lembro-me de ter visitado uma escola para crianças deficientes. “As nossas crianças não precisam passar por exames”, o diretor me disse, “portanto, podemos ensinar a eles coisas que realmente lhes serão úteis durante a vida”.

De qualquer forma, a tese que irei propor é que lições preciosas podem ser aprendidas se a história dos últimos 4000 anos puder ser completamente estudada. Nesses dois artigos, que apareceram primeiramente no Blackwood’s Magazine, tentarei resumir algumas das lições que acredito que devemos aprender. O meu argumento é que a história deve ser aprendida como a história de toda a raça humana, e não somente de um pequeno país ou período.

## **I – Aprendendo a partir da História**

“A única coisa que aprendemos da história”, temos ouvido por aí, “é que o Homem nunca aprende nada da História”; uma generalização talvez, mas uma que o caos do mundo atual confirma rapidamente. Qual pode ser a razão para que, numa sociedade que afirma ter analisado todos os seus problemas, as bases da história ainda são tão completamente desconhecidas?

Vários motivos para a futilidade de nossos estudos históricos têm sido sugeridas. Primeiro, nosso estudo da História tem se limitado a curtos períodos – normalmente o estudo do nosso país, ou de alguma era passada que, por alguma razão, temos grande consideração.

Segundo, mesmo nesses curtos períodos que estudamos, a inclinação que damos à nossa narrativa é governada mais pela nossa própria vaidade do que por algum sentimento de objetividade. Ao estudarmos a História do nosso país, nos dedicamos principalmente

aos períodos no qual nossos antepassados foram vitoriosos e prósperos, e passamos rapidamente pelos tempos de penúria e derrotas. Nosso povo é representado como heróis patriotas, seus inimigos como imperialistas sedentos de sangue, ou rebeldes subversivos. **Em outras palavras, nosso estudo da História não passa de propaganda, e não de uma investigação imparcial do nosso passado.**

E por fim, ao estudarmos a História do mundo, estudamos alguns poucos e desconectados períodos, que se tornaram mais interessantes aos nossos olhos. Grécia cerca de 500 anos antes de Cristo, a República e Império Romanos são os exemplos mais óbvios. Os intervalos entre esses grandes períodos são negligenciados. Recentemente [década de 70, quando o ensaio foi escrito] o estudo da Grécia e Roma foi desacreditado, e o estudo da História se voltou ainda mais para o estudo de nosso próprio país.

Para conseguirmos alguma lição importante da História, é essencial que entendamos que a História, para ter algum sentido, deve ser a História de toda a raça humana. Já que a História é um processo contínuo, que se desenvolve gradualmente, mudando e retornando, mas de forma geral se movendo para frente, numa única e grande onda. Qualquer lição útil que formos retirar deverá vir de todo o fluxo do desenvolvimento humano, e não do estudo de alguns poucos períodos aqui ou ali de um ou outro país. Toda era e cultura vem dos seus predecessores, adiciona algumas novidades, e a passa para os seus filhos. Se nós boicotarmos vários períodos da História, as origens das culturas que as sucederam não poderão ser explicadas.

A Ciência expande seu conhecimento ao construir sobre o trabalho dos seus predecessores, e ao fazer milhões de experimentos, registrando meticulosamente os resultados. Tal método ainda não foi usado no estudo da História. A História ensinada nas escolas e universidades ainda é basicamente dominada pela emoção e preconceito.

## **II – O ciclo de vida dos Impérios**

Se desejarmos determinar as leis que governam o surgimento e queda dos Impérios, o caminho óbvio é investigar os impérios registrados na História, e nos esforçarmos para deduzir as lições que podem ser aplicados a todos eles.

A palavra ‘Império’, quando associada com, por exemplo, o Império Britânico, é visualizado pelas pessoas como uma organização que consiste de uma pátria-mãe na Europa e colônias em outros continentes. Nesse ensaio, o termo ‘Império’ será usado para designar um grande poderio, muitas vezes chamado atualmente de superpotência. A maioria dos Impérios na História foram grandes porções de terra, quase todos sem nenhuma possessão ultramarina.

Nós possuímos uma quantidade considerável dos vários impérios registrados na História, dos reveses e duração de suas vidas. Por exemplo:

<b>Nação</b>	<b>Ascensão e Queda</b>	<b>Duração em anos</b>
Assíria	859 – 612 a. C.	247
Pérsia (Ciro e seus descendentes)	538 – 330 a. C.	208
Grécia (Alexandre e seus sucessores)	331 – 100 a. C.	231
República Romana	260 – 27 a. C.	233
Império Romano	27 a. C. – 180 d. C.	207
Império Árabe	634 – 880 d. C.	246
Império Mameluco	1250 – 1517	267
Império Otomano	1320 – 1570	250
Espanha	1500 – 1750	250
Rússia Imperial	1682 – 1916	234
Grã-Bretanha	1700 - 1950	250

Essa lista nos permite alguns comentários:

1. O autor está somente explorando os fatos, e não tentando provar um ponto de vista. As datas apresentadas são arbitrárias. Os Impérios não tem dia nem hora marcados para acabar. O que ocorre normalmente é um período de expansão gradual e depois um declínio também gradual. A semelhança no tempo de vida dessas grandes potências deve ser considerado. Os negócios do Homem são sujeitos a muitas mudanças, e não é esperado que eles possam ser calculados com uma precisão matemática.
2. De qualquer forma, podemos ver que existe semelhança suficiente entre o período de vida dos Impérios para justificar o nosso estudo.
3. A divisão do período de vida do Império Romano em duas partes pode ser considerada, por alguns, injustificável. O primeiro período, o republicano, começou quando Roma se tornou a senhora da Itália, e termina com a ascensão dos [imperadores] Augustos. O período imperial se estende da ascensão dos Augustos até a queda de Marco Aurélio. É verdade que o Império Romano sobreviveu por mais de um século após essa data, mas o fez em constante confusão, rebeliões, guerras civis e invasões bárbaras.
4. Nem todos os impérios conseguiram sobreviver por todo o ciclo [de 250 anos]. O Império Babilônico de Nebuchanezzar, por exemplo, foi derrubado por Ciro, sobrevivendo apenas por 74 anos.

5. Uma dedução interessante do gráfico é que a duração dos impérios não dependeu da velocidade dos meios de transporte, ou da tecnologia bélica. Os assírios viajavam a pé, lutavam com lanças, arcos e flechas. Os britânicos usaram artilharia, estradas de ferro e navios. **Mesmo assim, ambos duraram aproximadamente a mesma quantidade de anos.**  
Existe uma tendência hoje [1976, quando o texto foi escrito] em dizer que estamos na era dos aviões supersônicos, e, portanto, não há nada a aprender com os impérios do passado. **Tal atitude é errônea.**
6. É tentador comparar a vida dos Impérios com a dos seres humanos. Se olharmos para a média de vida de uma população, diremos que uma pessoa tem a tendência de viver 70, 75 anos. Mas nem todos os seres humanos irão viver esses 70 anos. Alguns morrem na infância, outros em acidentes, e alguns sobrevivem até os 80, 90 anos. Mesmo com tais exceções, ainda é justificado dizer que o tempo médio de vida de um humano é de 70 anos.
7. Nesse estágio, podemos tirar algumas conclusões:
  - a) Apesar das diferenças na sorte, e as diferenças entre revezes e oportunidades que os seres humanos enfrentam em cada época ou lugar, **o tempo de vida de cada império é excepcionalmente parecido.**
  - b) Diferenças imensas na tecnologia, transporte ou no conhecimento bélico não pareceram afetar o tempo de vida médio de nenhum dos impérios.
  - c) As mudanças na tecnologia de transporte e bélica, porém, afetaram a forma dos impérios. Os assírios, marchando a pé, puderam somente conquistar os seus vizinhos – os medas, os babilônios, os persas e os egípcios.  
Mas os britânicos, usando navios transatlânticos, conquistaram muitos países e subcontinentes, que lhes foram acessíveis por mar – a América do Norte, a Índia, a África do Sul, Austrália e Nova Zelândia – mas nunca foram bem sucedidos em conquistar seus vizinhos, como a Alemanha, França ou a Espanha.  
Apesar dessas diferenças entre os Impérios Britânico e Assírio, ambos duraram quase a mesma quantidade de tempo.

### III – A “medida humana” [human yardstick]

Qual foi, portanto, o fator que causou tal semelhança de duração dos impérios, sob condições tão diversas, e sob avanços tecnológicos tão diferentes?

Uma das poucas unidades de medida que não mudaram desde o tempo dos assírios é a ‘geração’ dos homens, um período aproximado de 25 anos. Portanto, 250 anos equivalem a 10 gerações. Um exame mais próximo das características da ascensão e queda dos impérios enfatiza ainda mais o significado dessas gerações.

Examinemos as fases da vida de tais nações.

### IV – Primeiro Estágio: a Erupção do Império

Várias vezes encontramos, no curso da história, pequenas nações tratadas como insignificantes pelos seus contemporâneos, de uma hora para outra emergirem de suas terras natais e dominarem vastas extensões de território. Antes de Felipe (359-336 a. C.), a Macedônia era somente um insignificante estado no norte da Grécia. A Pérsia era a superpotência daquela época, dominando nações do leste da Europa até a Índia.

Mesmo assim, em 323 a. C., 36 anos após a ascensão de Felipe, o Império Persa deixou de existir, e o Império Macedônico se estendeu do Danúbio até a Índia, incluindo o Egito.

Essa expansão espetacular normalmente é atribuída ao gênio de Alexandre o Grande, mas ela não é a única razão; pois, mesmo que após a sua morte tudo desse errado – os generais macedônicos brigando um com o outro e fundando impérios adversários entre si – a preeminência macedônica sobreviveu por 231 anos.

No ano 600 d. C., o mundo se encontrava dividido entre duas superpotências do mesmo modo que quando esse ensaio foi escrito [1976]. Os dois poderes eram o Império Romano do Oriente e o Império Persa. Os árabes eram então considerados um povo atrasado e desprezado da Península Arábica. Eles se dividiam em tribos guerreiras, e não tinham governo central, nem constituição, e muito menos um exército. A Síria, a Palestina, o Egito e o Norte da África faziam parte do Império Romano do Oriente, e o Iraque do Império Persa.

O profeta Maomé pregou na Arábia de 613 d. C. até 632, quando morreu. No ano 633, os árabes irromperam de sua península, atacando simultaneamente as duas superpotências. Em 20 anos, o Império Persa deixou de existir. Setenta anos após a morte de seu profeta, os árabes possuíam um império que se estendia do Atlântico aos planaltos do Norte da Índia até as fronteiras com a China.

No princípio do século XIII, os mongóis eram um grupo de tribos selvagens nas estepes da Ásia. Em 1211, Genghis Khan invadiu a China. Em 1253, os mongóis tinham estabelecido um império que ia da Ásia Menor até o Mar da China, um dos maiores impérios que o mundo jamais viu.

Os árabes dominaram a maior parte da Espanha por 780 anos, do ano 712 d. C. até 1492. Durante esses oito séculos, não existia uma nação hispânica, só os pequenos reinos de Aragão e Castela se aguentando de alguma forma nas montanhas do norte da península.

O acordo entre os reis Ferdinando e Isabela com Cristóvão Colombo foi assinado imediatamente após a queda de Granada, o último reino árabe na Espanha, em 1492. E dentro de 50 anos, Cortez havia conquistado o México, e a Espanha se tornou o maior Império do mundo.

Exemplos de explosões bruscas através das quais os impérios nascem poderiam ser multiplicadas indefinidamente. Esses poucos exemplos bastam para ilustrar o fenômeno.

## **V – Características da Erupção**

**Essas explosões súbitas são normalmente caracterizadas por uma extraordinária demonstração de energia e coragem.** Os novos conquistadores são normalmente pobres, duros, empreendedores e, sobretudo, agressivos. Os impérios que eles derrubam são normalmente ricos, mas com mentalidade defensiva. Nos tempos áureos do Império Romano, as legiões cavavam uma vala à volta do acampamento para dificultar ataques-surpresa. Mas essas valas eram simples, e entre elas e o acampamento eram deixados grandes espaços através do qual as legiões poderiam se organizar e contra-atacar. Mas, à

medida que o Império Romano amadurecia, essa vala foi trocada por um muro alto, com o acesso ao interior feito através de um portão estreito. Não era mais possível um contra-ataque. As legiões, agora, eram defensores passivos.

Mas uma nova nação não se distingue somente por vitória em batalhas, mas por ser empreendedora em todos os campos. **Os homens desse novo poder cortam trilhas no meio das matas, sobem montanhas, atravessam oceanos desconhecidos em pequenas embarcações.** Os árabes cruzaram o Estreito de Gibraltar em 711 d. C. com 12000 homens, venceram um exército godo com o dobro do efetivo, marcharam por mais de 250 milhas de território desconhecido e tomaram a capital do Reino Godo [então na Espanha], Toledo. Da mesma forma, na História da Inglaterra, o capitão Cook descobriu a Austrália. Uma iniciativa temerária caracteriza esses períodos.

Outra característica do período dos pioneiros e conquistadores é a capacidade de improvisar e experimentar. Sem nenhuma tradição a restringi-los, eles usam qualquer coisa disponível para alcançar os seus propósitos. Se um método falha, eles tratam logo de tentar outra coisa. Sem serem limitados por ensinamentos ou uma educação regular, ação é a solução deles para qualquer problema.

**Pobres, duros, normalmente mal alimentados e mal vestidos, não lhes faltam coragem, energia e iniciativa, derrubando qualquer obstáculo em seu caminho e sempre se mantendo no controle da situação.**

## **VI – As causas de erupção de determinadas raças**

Nosso moderno instinto é o de procurar uma razão para tudo, e de duvidar de qualquer afirmação que não seja sustentada por uma explicação convincente. Tantos exemplos podem ser dados da erupção de uma raça obscura numa nação de conquistadores, que a veracidade desse fenômeno não pode mais ser posta em dúvida. Mas encontrar a causa disso é mais difícil. A explicação mais fácil é achar que tal raça foi tentada pelas riquezas acumuladas pela antiga civilização, e realmente parece que existe um elemento de ganância por saque nas invasões bárbaras.

Tal motivação pode ser dividida em duas partes. A primeira é o clássico “pilhar, saquear, estuprar”, como foi, por exemplo, o caso de Átila e seus hunos, que destruíram grande parte da Europa de 450 até 453 d. C.. Porém, quando Átila morreu neste ano, seu império caiu aos pedaços e as tribos hunas retornaram para o leste da Europa.

Muitos dos bárbaros que fundaram dinastias na Europa Ocidental sobre as ruínas de Roma, porém, o fizeram por admiração pela civilização romana, aspirando eles mesmos se tornarem romanos.

## **VI – Uma reviravolta providencial?**

Seja qual foi a causa que permitiu uma antiga civilização ser derrubada por bárbaros, podemos encontrar certos benefícios de tal reviravolta. Toda raça possui uma característica que a distingue das demais. Algumas se sobressaem em filosofia, outras em administração, ou literatura, poesia ou religião, outras pelo seu sistema legal. Durante a preeminência de cada cultura, suas características distintas são espalhadas pelo mundo.



Se tal nação fosse reter seu domínio indefinidamente, suas qualidades particulares iriam caracterizar permanentemente a raça humana. Sob um sistema no qual os impérios duram cerca de 250 anos, a raça soberana tem tempo suficiente para espalhar suas características pelo mundo. Mas então, outro povo, com características completamente diferentes, toma seu lugar, e suas virtudes e qualidades são da mesma forma espalhadas. Por esse sistema, cada uma das raças do mundo desfrutará de um período de esplendor, durante o qual suas principais qualidades são colocadas a serviço da Humanidade.

Para aqueles que acreditam na existência de Deus, como mandatário e diretor dos assuntos humanos, tal sistema pode parecer como uma manifestação da Sabedoria Divina, que tende, lenta e gradualmente, no sentido do aperfeiçoamento da raça humana.

## **VIII – O percurso do Império**

**O primeiro estágio de vida de uma grande nação, depois de sua erupção inicial, é um período de surpreendente iniciativa, empreendedorismo quase inacreditável, coragem e audácia.** Essas qualidades, mesmo que num pequeno espaço de tempo, produzem uma nova e formidável nação. Essas primeiras vitórias são ganhas basicamente devido a uma bravura imprudente e iniciativa ousada.

A antiga civilização assim atacada irá se defender usando suas armas sofisticadas, sua organização militar e disciplina. Os bárbaros rapidamente percebem a vantagem desses métodos e os adotam. **Como resultado, o segundo estágio de expansão do novo império consiste em campanhas mais disciplinadas, organizadas e profissionais.**

Em outros campos, a ousadia e iniciativa dos conquistadores originais é mantida – na exploração geográfica, por exemplo: fundando novos povoados, penetrando em matas virgens, subindo montanhas inexploradas, navegando por mares não mapeados. A nova nação é confiante, otimista e talvez tenha um pouco de desdém sobre as “raças decadentes” que subjugou.

Os métodos empregados tendem a serem práticos e experimentais, tanto no governo quanto em campanhas militares, já que eles não se encontram amarrados por séculos de tradição, como ocorre com os antigos impérios. Além disso, os líderes da nova nação são livres para improvisarem, já que não estudaram política ou tática em escolas ou livros.

## **IX – EUA – o estágio dos pioneiros**

No caso dos EUA, o período de erupção não consistiu na conquista de uma civilização caduca, mas na conquista de povos bárbaros [aos olhos dos ocidentais]. Portanto, visto de fora, todos os exemplos parecem ser diferentes. Mas examinado do ponto de vista de uma grande nação, todos os exemplos são similares.

Os EUA surgiram repentinamente como uma nova nação, e seu período pioneiro foi gasto na conquista de um vasto continente, não de um império antigo. Mesmo assim, a subsequente história dos EUA seguiu o mesmo padrão que tentamos traçar – o período dos pioneiros, do comércio, da abundância, do intelectualismo e da decadência.

## **X – Expansão Comercial**

A conquista de vastos territórios e sua sujeição a um único governo age automaticamente como um estímulo ao comércio. Tanto mercadores quanto bens podem ser comercializados por grandes distâncias. E, se o império for extenso o suficiente, irá incluir diversas faixas climáticas, produzindo bens mais variados, os quais suas províncias desejaram negociar umas com as outras.

A velocidade dos modernos métodos de transporte tende a criar em nós a impressão de que o comércio internacional, globalizado, é um desenvolvimento moderno, porém essa não é a verdade. Objetos feitos na Irlanda, Escandinávia e na China já foram encontrados em túmulos nas ruínas do Oriente Médio, datando de 1000 anos antes de Cristo. Os meios de transporte eram mais lentos, mas, se um grande império estava no controle, o comércio se encontrava livre dos numerosos grilhões impostos hoje em dia por passaportes, permissões de importação, alfândegas, boicotes e interferência política.

O Império Romano se estendeu da Inglaterra à Síria e ao Egito, uma distância, em linha reta, de cerca de 2700 milhas [aproximadamente 4350 quilômetros]. Um oficial romano, transferido de Roma para a Síria, gastaria seis meses nessa viagem. Mesmo assim, durante toda a jornada, ele estaria viajando no mesmo país, com a mesma língua oficial, mesmas leis, mesma moeda e o mesmo sistema administrativo. Hoje, cerca de 20 diferentes países separam a Inglaterra da Síria, cada um com seu governo, leis, política, taxas alfandegárias, passaportes e moedas, tornando cooperação comercial quase impossível. E esse processo de desintegração continua. Mesmo em pequenas áreas da Europa, movimentos provinciais exigindo secessão ou devolução [de suas terras] continuam a dividir o continente.

A moda atual por ‘independência’ tem produzido um grande número de pequenos estados, alguns deles consistindo de somente uma cidade ou uma pequena ilha. Esse sistema é um obstáculo insuperável para o comércio e a cooperação internacional. A presente Comunidade Econômica Europeia é uma tentativa de assegurar a cooperação comercial entre pequenos estados independentes, mas esse plano tropeça em muitas dificuldades, devido à inveja mútua de tantas nações.

Mesmo impérios selvagens e militaristas promovem o comércio, queiram eles ou não. Os mongóis foram um dos mais brutais conquistadores na História, massacrando populações e cidades inteiras. Mesmo assim, no século XIII, quando seu Império se estendia de Pequim até a Hungria, caravanas comerciais entre a China e a Europa alcançaram uma prosperidade notável – já que toda a jornada se encontrava no território de um único governo.

Nos séculos VIII e IX, os califas de Bagdá obtiveram uma riqueza fabulosa devido à imensa extensão do seu território, que consistia de um único bloco comercial. O antigo império desses califas agora está dividido em, aproximadamente, de 25 nações diferentes.

## XI – Os prós e contras dos Impérios

Ao discutir o ciclo de vida de um império, nós divagamos se tal instituição é útil ou maléfica para a Humanidade. Descobrimos que os impérios oferecem certas vantagens, principalmente no campo do comércio, e ao estabelecer paz e segurança em vastas áreas do globo. Talvez devamos também incluir o fato deles espalharem sua cultura para muitas raças. A presente paixão por independência [que forma] países cada vez menores e menores será eventualmente sucedida, novamente, por impérios.

A tentativa atual [nos anos 70, quando foi escrito o ensaio] de criar uma comunidade europeia poderá ser registrada como um exercício prático na criação de uma nova superpotência, apesar da sua fragmentação interna, resultado da mania de independência. Se ela for bem sucedida, algumas das liberdades locais terão que ser sacrificadas. Se ela falhar, o mesmo resultado poderá ser alcançado por conquista militar, ou pela divisão da Europa entre superpotências rivais. A conclusão inescapável é, porém, que vastas unidades territoriais são benéficas ao comércio e à estabilidade pública, não importa se o território será dominado por associação voluntária ou por ação militar.

## XII – Poder Marítimo

Uma das maneiras mais benevolentes através do qual uma superpotência pode promover tanto a paz quanto o comércio é através do domínio dos mares.

Da batalha de Waterloo até 1914, a Marinha Britânica comandou os mares do mundo. Os ingleses enriqueceram, mas também tornaram os mares seguros para o comércio de todas as nações, e preveniram conflitos maiores por 100 anos.

Curiosamente, a questão do controle dos mares nunca foi claramente distinta, na política britânica dos últimos 50 anos, da questão do domínio imperial sobre outros países. Na verdade, os dois assuntos são totalmente distintos. O poder marítimo não insulta pequenos países, da mesma forma que a ocupação militar. Se a Inglaterra tivesse mantido a sua Marinha, com algumas poucas bases isoladas em ilhas [como possessões], e tivesse dado independência às colônias que a solicitassem, o mundo seria um lugar muito mais estável atualmente. **Na verdade, porém, a Marinha foi varrida devido ao clamor popular contra o imperialismo. [Mais à frente, veremos como uma mudança no paradigma do próprio povo que fundou o Império o corrói no futuro].**

## XIII – A Era do Comércio

Voltemos ao ciclo de vida de um império típico. Já consideramos a Era da Erupção, quando um povo pouco conhecido repentinamente toma de assalto o mundo com uma coragem selvagem e energia inesgotável. **Chamemos esta fase de Era dos Pioneiros.** Então nós vemos os novos conquistadores adquirirem as sofisticadas armas do velho império, e adaptarem os seus sistemas de organização militar e treinamento. **Segue-se um período de expansão militar, que chamaremos de Era das Conquistas.** As conquistas resultam na aquisição de um vasto território sob um único governo, o que automaticamente dá origem a uma era de prosperidade comercial. **Chamemos essa fase de Era do Comércio.**

A Era das Conquistas, claro, se mistura com a Era do Comércio. **As orgulhosas tradições militares ainda possuem um grande peso na balança e grandes exércitos guardam as fronteiras, mas gradualmente o desejo de fazer riqueza toma conta do povo.** Durante o período militar, glória e honra foram os principais objetos de ambição. **Mas para o mercador, tais ideias são palavras vazias, que não adicionam nada ao balanço contábil.**

#### **XIV – Arte e Luxo**

A riqueza que parece, quase sem esforço visível, se derramar no país permite às classes mercantes se tornarem incrivelmente ricas. **Como usar esse dinheiro se torna um “problema” para a rica comunidade de negociantes.** Arte, arquitetura e luxos encontram clientes ricos. Esplêndidos edifícios governamentais e ruas largas levam dignidade e beleza às áreas ricas das grandes cidades do Império. Os ricos mercadores constroem para si palácios, e dinheiro é investido em comunicações, estradas, pontes, estradas de ferro ou hotéis, variando de acordo com os padrões de cada era.

A primeira metade da Era do Comércio parece ser particularmente esplêndida. As antigas virtudes da coragem, patriotismo e devoção ao dever ainda estão em evidência. A nação é orgulhosa, unida e cheia de autoconfiança. **Aos garotos é exigido, antes de tudo, que sejam homens – que saibam cavalgar, atirar e sempre falar a verdade. É notável a ênfase que é colocada, nessa fase, na virtude masculina de sempre falar a verdade, já que mentir é uma covardia – o medo de encarar as consequências de uma situação.**

Escolas para os meninos são intencionalmente duras. Alimentação frugal, vida dura, quebrar o gelo no inverno e fazer os garotos nadarem nas águas geladas e outros costumes parecidos visam produzir uma geração de homens especialmente fortes, duros e sem medo. O dever é uma palavra constantemente repetida nos ouvidos desses jovens.

A Era do Comércio é também marcada por grandes empreendimentos na exploração por novas formas de riqueza. Iniciativa e ousadia é mostrada na procura por negócios lucrativos em todos os cantos do mundo, perpetuando, de certa forma, a coragem aventureira da Era das Conquistas.

#### **XV – A Era da Abundância**

**Não há dúvida que o dinheiro é o agente que causa o declínio desse povo forte, bravo e confiante. O declínio em coragem, empreendedorismo e senso do dever é, porém, gradual.**

A primeira forma pelo qual a riqueza fere a nação é pelo lado moral. O dinheiro toma o lugar da honra e da aventura como objetivo final dos mais valorosos jovens desse império. Além disso, os homens não pretendem mais conseguir riquezas para o seu país ou sua comunidade, mas sim, para si mesmos. Gradualmente, de forma quase imperceptível, a Era da Abundância silencia a voz do dever. O objetivo dos jovens e ambiciosos não é mais fama, honra ou servir à pátria, mas sim a fortuna.

A educação passa pela mesma transformação gradual. As escolas não pretendem mais produzir bravos patriotas prontos para servir ao país. Tanto pais quanto estudantes

procuram a educação que lhes dará os melhores salários. O moralista árabe Ghazali (1058 – 1111), reclamou com essas mesmas palavras o declínio do mundo árabe de seu tempo. Os estudantes, ele disse, não mais frequentavam as escolas visando à virtude e o ensino, mas sim as qualificações que lhes permitissem se tornarem ricos. **A mesma situação é evidente hoje no mundo ocidental. [Ou era, quando o texto foi escrito nos anos 70; a situação, agora, já está em outra Era – a da Descadência].**

#### **XVI – O “meio-dia” [ou o ponto mais alto]**

O que chamamos de meio-dia é o período de transição entre a Era das Conquistas e a Era da Abundância: foi a Era dos Augustos em Roma, o governo de Harum al-Raschid em Bagdá, de Sulaiman o Magnífico no Império Otomano, ou da Rainha Vitória na Grã-Bretanha. **Talvez devamos adicionar a Era do Presidente Woodrow Wilson nos EUA.**

Todos esses períodos revelam as mesmas características. A imensa riqueza acumulada pela nação deslumbra os outros povos. O suficiente das antigas virtudes de coragem, energia e patriotismo sobrevive para permitir ao Estado defender suas fronteiras [e seus ideais]. **Mas, abaixo da superfície, a ganância gradualmente toma lugar do dever e serviço público. Podemos resumir essa mudança como sendo de “servir aos interesses da nação” para “servir aos interesses pessoais”.**

#### **XVI – Na Defensiva**

**Outra mudança exterior que invariavelmente marca a transição da Era das Conquistas para a Era da Abundância é a ênfase na defesa. A nação, imensamente rica, não está mais interessada na glória ou no dever, mas sim em reter sua riqueza e luxúria. É o período da defesa, do Grande Muralha da China, o Muro de Adriano na Escócia, a Linha Maginot na França em 1939... [e devemos adicionar o Muro que os EUA estão construindo para impedir a entrada de imigrantes ilegais via México?]**

Como o império possui mais dinheiro que coragem, subsídios no lugar de armas são empregados para comprar seus inimigos. Para justificar seu afastamento das antigas tradições, a mente humana rapidamente cria suas justificações [hamsteriza?]. Prontidão militar, ou agressividade, é denunciada como primitiva e imoral. **Povos civilizados são orgulhosos demais para lutar.** A conquista de uma nação por outra é considerado imoral. Impérios são considerados perversos. Esse exercício intelectual permite ao império suprimir seus sentimentos de inferioridade, quando eles leem sobre o heroísmo dos seus antepassados, e então contemplar sua posição atual. “Não é que nós tenhamos medo de lutar”, eles pensam, “mas sim, que nós consideramos isso imoral”. Isso permite ao povo do Império assumir uma atitude de superioridade moral.

**O grande problema do pacifismo é que ainda existem muitos povos por aí que continuam agressivos.** Nações que se proclamam relutantes em lutar se colocam na reta para serem conquistadas por povos que estão na Era do militarismo – talvez até mesmo acabarem por ser incorporados a algum novo império, com o status de meras províncias ou colônias.

Quando usar da força e quando negociar um acordo é um problema humano perpétuo, o qual somente poderá ser resolvido, da melhor forma possível, a cada situação. **Mas, na verdade, a História indica que as grandes nações não se desarmam normalmente devido a problemas de consciência, mas sim devido ao enfraquecimento do senso de dever nos seus cidadãos, e no aumento da ganância e do desejo por riquezas e vida mansa.**

## **XVIII – A Era do Intelecto**

Até agora, dividimos o ciclo de vida das grandes nações em quatro Eras. A Era dos Pioneiros (ou a Erupção), a Era das Conquistas, a Era do Comércio, e a Era da Abundância. A grande riqueza da nação não é mais necessária para suprir as necessidades mais vitais, ou mesmo uma vida mais luxuosa. Amplos fundos financeiros se tornam disponíveis para aqueles que procuram o conhecimento.

Os barões da indústria e do comércio procuram fama e admiração, não somente ao se tornarem mecenas de obras de arte, música ou literatura. Eles também fundam e doam dinheiro para faculdades e universidades. É impressionante a regularidade com que essa fase segue aquela da riqueza, império após império, mesmo quando divididos por séculos de distância.

No século XI, no antigo Império Árabe, naquele momento em completo declínio político, o governante era o sultão Malik Shah. Os árabes, não mais soldados, formavam agora a elite intelectual do mundo. Durante o reinado de Malik Shah, a construção de universidades e faculdades se tornou uma paixão. Enquanto que um pequeno número de universidades nas principais cidades árabes haviam sido suficiente para os anos de glória do Império Árabe, agora uma universidade era fundada em cada cidade do império.

O mesmo fenômeno foi observado nos EUA. Quando essa nação estava no pico da sua glória, Harvard, Yale, Oxford e Cambridge eram suficientes para atender as necessidades do país. Agora quase toda cidade possui sua própria universidade.

**A ambição dos jovens, antes dedicada à obtenção de aventura e glória militar, e que depois se dirigiu para o acúmulo de riquezas, agora se volta para a aquisição de honras acadêmicas. [Isso explica a epidemia de cursos de Artes e Women Studies nos EUA – a busca é pela intelectualidade, não mais por ensinamentos práticos para a vida].**

É importante notar que quase todos esses objetivos perseguidos através de cada era são, em si mesmos, bons. O culto viril da audácia, franqueza e verdade, que caracterizaram a Era dos Conquistadores, produziram esplêndidos heróis.

A disponibilidade de recursos naturais, e a acumulação pacífica de riquezas, que marcam a Era do Comércio, introduzem novos triunfos na civilização, na cultura e nas artes. Da mesma forma, o vasto acúmulo de conhecimento que a Era do Intelecto traz marca um novo nível no progresso humano. Não temos como dizer que qualquer um desses objetivos é bom ou ruim.

As características impressionantes no ciclo de vida dos Impérios são:

- a) A extraordinária exatidão com que essas fases se seguem, uma após a outra, de um império a outro, através dos séculos; e
- b) O fato que as mudanças sucessivas representam meras mudanças nos hábitos do povo – novas manias e modas que tomam a opinião pública sem qualquer razão lógica. De início, entusiasmo popular é devotado à glória militar, depois à acumulação de riquezas e por fim, à acumulação de fama acadêmica.

**Por que não conseguimos carregar simultaneamente todos esses objetivos legítimos e bons, cada um deles de forma moderada? Até o momento isso não aconteceu.**

## **XIX – Os efeitos da Era do Intelecto**

Existem muitas coisas na vida dos homens que não são sonhadas na nossa filosofia popular. O espalhar do conhecimento parece ser uma das atividades mais benéficas da Humanidade, mas, mesmo assim, todos os períodos de declínio são caracterizados por uma expansão da atividade intelectual. “Todos os atenienses e estrangeiros que viviam lá usavam seu tempo para nada mais do que ouvir ou discutir alguma novidade”, é a descrição dada nos Atos dos Apóstolos sobre o declínio do intelectualismo grego.

A Era do Intelecto é acompanhada por avanços surpreendentes na ciência natural. No século IX, por exemplo, no reinado de Mamun, os árabes mediram a circunferência da Terra com uma precisão digna de nota. Sete séculos teriam que passar antes que os europeus descobrissem que o mundo não é plano. **Menos de 50 anos depois das descobertas sob o reinado de Mamun, o Império Árabe entrou em colapso.** Tão maravilhoso e benéfico que seja o progresso da ciência, ela não salvou o Império Árabe do caos.

O completo florescimento do intelectualismo árabe e persa não ocorreu até depois do seu colapso imperial e político. Mesmo que os intelectuais tenham atingido seus triunfos nos campos acadêmicos, politicamente se tornaram servos de governantes semi-analfabetos. Quando os mongóis conquistaram a Pérsia no século XIII, eles mesmos eram completamente ignorantes e foram obrigados a depender totalmente de seus servos persas para administrar as terras conquistadas e coletar os tributos. Um dos seus primeiros ministros (ou vizires) foi Rashid al-Din, um historiador de prestígio internacional. Mesmo assim, esse vizir, para falar com Mongol Il Khan, era obrigado a ficar de joelhos. Nos banquetes do Estado, o vizir era obrigado a ficar o tempo todo de pé atrás do trono do rei, para atender qualquer um dos seus desejos. Se o Khan estivesse de bom humor, ele daria um pouco de sua comida para ele.

Como no caso dos atenienses, intelectualismo leva à discussão, debate e troca de argumentos, como é típico hoje nas nações do Ocidente. Debates na imprensa, assembleias ou comitês locias [ou na internet] – um falar incessante.

As pessoas são, por padrão, diferentes uma das outras, e debates dificilmente levam a algum acordo. Assim, os assuntos públicos vão do mau ao pior, em meio de uma imensa cacofonia de prós e contras. Essa constante dedicação à discussão acaba por destruir o poder da ação. Em meio a uma Babel de falas, a nau se dirige em direção às pedras.

## XX – A inadequação do intelecto

Talvez o pior resultado da Era do Intelecto é a ideia de que o cérebro humano pode solucionar todo e qualquer problema. Mesmo no nível mais simples, o dos problemas do dia-a-dia, isso é falso. Qualquer atividade humana, desde os clubes locais até associações de classe, necessita de um pouco de sacrifício e dedicação de seus membros para sobreviver. Na esfera nacional, a sobrevivência da nação depende basicamente da lealdade e sacrifício dos seus cidadãos. **A impressão que uma situação possa ser salva somente através de esperteza mental, sem altruísmo ou dedicação humana, somente pode levar ao colapso.**

Portanto percebemos que o cultivo do intelecto humano, apesar de ser um ideal magnífico, somente funciona se não erodir o altruísmo e a dedicação humana ao serviço [seja ele da pátria ou de um ideal]. **Mesmo sabendo disso, é exatamente o que o excesso de intelectualismo faz.** Talvez não seja o intelectualismo que destrói esse espírito de dever – o melhor que podemos dizer é que, essa perda do senso de dever e o intelectualismo aparecem ao mesmo tempo na história das nações.

**De fato, podemos dizer que nas pessoas, os ideais da mente e do coração parecem ser rivais naturais.** O brilhante, mas cínico intelectual aparece na ponta contrária do espectro onde se encontra o herói ou o mártir. Mesmo assim, existem épocas no qual o auto dedicação do herói é muito mais essencial do que as tiradas sarcásticas do espertinho.

## XXI – Discórdias civis

Outro sintoma inesperado do declínio de um país é a intensificação dos ódios políticos internos. Alguém pensaria que, quando a sobrevivência da nação se encontrasse mais precária, as facções políticas deixariam suas rivalidades de lado e marchariam ombro a ombro contra a ameaça para salvar sua nação.

No século XIV, o Império Bizantino se encontrava ameaçado, e no final foi dominado, pelos turcos otomanos. A situação era tão séria que era esperado que todo cidadão do Bizâncio deixasse seus interesses pessoais de lado e marchasse ombro a ombro ao lado dos seus compatriotas numa última e desesperada tentativa de salvar o reino. **O contrário aconteceu.** Os bizantinos passaram os últimos 50 anos do seu império brigando um com os outros numa série de guerras civis, até que os otomanos se movessem e dessem o golpe de misericórdia.

A Inglaterra tem sido governada por um parlamento eleito por vários séculos. Durante esse período, as facções rivais respeitaram várias leis não escritas. Nenhum partido desejou a eliminação total do outro. Todos os membros se referiram aos outros como cavalheiros honrados. Mas tal comportamento cortês foi perdido. Vaías, gritos e algazarra danificaram a dignidade da Casa, e discussões nervosas são cada vez mais frequentes. Nós somos sortudos de ver tais rivalidades ocorrendo somente no interior do Parlamento, mas algumas vezes tais ódios se espalham pelas ruas, na forma de boicotes, demonstrações, greves e outras atividades parecidas. **Fiel à regra das nações que se encontram no seu declínio, diferenças internas não são reconciliadas numa**



**tentativa de salvar a nação. Ao contrário, as rivalidades internas se tornam mais acuradas, à medida que o país se torna mais fraco.**

## **XXII – A afluência de estrangeiros**

**Um dos fenômenos que sempre se repetem nos impérios é a invasão de estrangeiros à sua capital.** Historiadores romanos frequentemente se queixavam do número de asiáticos e africanos em Roma. Bagdá, no seu apogeu no século IX, era uma cidade internacional na sua população – persas, turcos, árabes, armênios, egípcios, africanos e gregos lotavam suas ruas.

Na Londres de hoje, cipriotas, gregos, italianos, russos, africanos, alemães, hindus [e muçulmanos] se acotovelam nos ônibus e nos metrô, de tal forma que às vezes é difícil achar um inglês. O mesmo se aplica a Nova York, talvez até mais do que a Londres.

**Esse problema não deriva em qualquer espécie de ‘inferioridade’ de um povo em relação ao outro, mas simplesmente nas diferenças entre eles.**

Nas Eras da Erupção e dos Conquistadores, a raça dominante é normalmente mais ou menos homogênea. Isso facilita um sentimento de solidariedade e companheirismo. Mas nas Eras do Comércio e da Abundância, todo tipo de estrangeiro corre para a capital, ruas que as lendas dizem serem “forradas de ouro”. Como a capital normalmente é a sede política e administrativa do Império, essa multidão cosmopolita exerce uma grande influência nos negócios do reino, apesar de seu número modesto [em comparação com os habitantes locais].

**[OBS: traduzo o próximo parágrafo para manter o ensaio coeso, mas não concordo com o ponto apresentado abaixo. De qualquer forma, esse não é o caso do Brasil.]**

Estrangeiros de segunda ou terceira gerações podem parecer completamente assimilados, mas, mesmo assim, eles constituem uma fraqueza em dois sentidos. Primeiro, a sua natureza humana irá diferir daquela do povo original do império. E, se a raça imperial for mais turrona e lenta, os imigrantes podem vir de raças mais ‘emocionais’, assim criando rupturas e cismas na política nacional, mesmo que eles sejam tão leais ao império quanto seus habitantes originais.

Segundo, enquanto a nação ainda for rica, todas as diversas raças parecerão igualmente leais. Mas no caso de uma emergência, os imigrantes terão muito menor disposição de sacrificarem suas vidas e suas propriedades do que os descendentes originais da raça do império.

Terceiro, os imigrantes poderão formar comunidades próprias, protegendo primeiramente seus próprios interesses, e somente em segundo plano aquele da nação que os abrigou.

Quarto ponto, muitos dos imigrantes provavelmente pertencerão a raças que foram conquistadas e absorvidas pelo Império. Quando o Império estiver no seu apogeu, eles serão orgulhosos cidadãos do reino. **Mas quando o declínio do império começa a aparecer, é extraordinário como a memória de guerras antigas, talvez de séculos atrás, ressurgem, e movimentos locais ou provinciais aparecem, exigindo separação ou independência.** Algum dia esse fenômeno irá surgir no aparente monolítico e

autoritário Estado Soviético. É assombroso por quanto tempo tais sentimentos podem sobreviver. [Aqui, vemos como as ideias de Sir John Glubb pode ser proféticas.]

Exemplos históricos desse fenômeno nem ao menos deveriam ser necessários. As insidiosas e ociosas massas romanas, com seu apetite sem fim por pão e circo é notória, e completamente diversas do austero espírito romano dos primeiros anos da República. Em Bagdá, nos anos dourados do governo de Harun al-Raschid, os árabes eram minoria na capital imperial. Istambul (atualmente Constantinopla), no apogeu do domínio otomano, possuía poucos habitantes dos conquistadores turcos originais. Em Nova York, descendentes dos pais fundadores originais são raros.

Esse fenômeno é normalmente limitado só às grandes cidades. A raça original é normalmente encontrada em estado puro em suas fronteiras ou no interior. É a riqueza das grandes cidades que atrai os imigrantes. Com o crescimento da indústria, as cidades possuem uma grande preponderância sobre os negócios do império, e, portanto, a influência dos estrangeiros aumenta da mesma forma.

Mais uma vez eu enfatizo que não quero dar a impressão de que considero os imigrantes inferiores em relação à raça original. Eles são somente diferentes, e, portanto, tendem a criar divisões e rachaduras [no espírito original do império].

### **XXIII – Frivolidade**

À medida que a nação declina em poder e riqueza, o pessimismo gradualmente permeia o povo, e isso apressa o declínio. Nas Eras das Conquistas e do Comércio, quando triunfo seguia após triunfo, a nação era empurrada para frente por força de sua própria confiança. A Roma republicana esteve várias vezes a ponto de ser destruída – por exemplo, em 390 a. C., quando os gauleses a saquearam, ou em 216 a. C., depois da Batalha de Cannae. **Mas nenhum desastre conseguia abalar a determinação dos romanos.** Mas, nos últimos estágios da queda de Roma, o império como um todo era profundamente pessimista, assim secando sua própria força de vontade.

**Frivolidade é frequentemente a companheira do pessimismo.** “Que nós bebamos, comemos e sejamos felizes, porque amanhã podemos estar mortos” [poderia ser um lema dos PUAs]. A semelhança entre os vários impérios em declínio na História, nesse ponto, é surpreendente. A malta romana, como vimos, exigia comida de graça e jogos públicos. Lutas de gladiadores, corridas de carroças e eventos atléticos eram suas paixões. No Império Bizantino, as rivalidades entre os Verdes e os Azuis no Hipódromo às vezes alcançavam o status de crises nacionais.

Julgando pelo tempo alocado na imprensa e na televisão para o futebol americano e o beisebol, essas são as atividades que interessam ao público britânico e norte-americano. Os ‘heróis’ das nações em declínio são sempre os mesmos – **o atleta, o músico ou o ator**. A palavra “celebridade” hoje é usada para designar um comediante ou jogador de futebol, não um estadista, um general, ou um gênio literário.

## XXIV – O declínio árabe

Na primeira metade do século IX, Bagdá desfrutou do seu apogeu como a maior e mais rica cidade do mundo. Em 861, porém o califa reinante, Mutawakkil, foi morto pelos seus mercenários turcos, que criaram uma ditadura militar, que durou cerca de 30 anos. Durante esse período o império caiu aos pedaços, cada um dos vários domínios e províncias praticamente assumindo independência e seguindo os seus próprios interesses. Bagdá, antes a capital de um vasto império, viu-se de uma hora pra outra limitada ao Iraque.

Os trabalhos dos historiadores daquela época ainda estão disponíveis. Eles deploravam profundamente a degeneração dos tempos em que viveram, enfatizando principalmente a indiferença em relação à religião, o materialismo crescente e a frouxidão da moral. Também lamentaram a corrupção dos oficiais do governo, e o fato de que os políticos pareciam sempre acumular grandes fortunas quando estavam no poder.

**Eles comentaram amargamente sobre a extraordinária influência que os cantores populares tinham sobre as massas, principalmente as mais jovens, o que levou a um declínio moral.** Os cantores ‘pop’ de Bagdá daquela época acompanhavam suas canções eróticas com o alaúde, um instrumento que lembra o moderno violão. Na segunda metade do século X, como resultado, muita linguagem sexual e obscena se tornou de uso comum, tal que não seria tolerada tempos atrás. Muitos califas assinaram ordens banindo esses cantores ‘pop’, mas poucos anos depois eles retornavam.

**Um aumento na influência das mulheres nos negócios públicos também é associado com o declínio da nação.** Os antigos romanos reclamavam que, apesar de Roma mandar no mundo, eram as mulheres que mandavam em Roma. No século X, uma tendência parecida foi observada no Império Árabe, com mulheres exigindo admissão em profissões antes reservadas somente aos homens. Ibn Bessam, um dos historiadores daquela época, escreveu: “O que as profissões de escriturário, coletor de taxas ou pregador têm a ver com as mulheres? Tais ocupações foram sempre limitadas aos homens.” Muitas mulheres estudaram as leis, enquanto outras conseguiram postos de professoras universitárias. Houve agitações para que fossem apontadas juízas, mas isso parece não ter ocorrido.

**Logo após esse período, o governo e a ordem pública entraram em colapso, e invasores estrangeiros tomaram o país.** O aumento na violência e confusão tornou perigoso para as mulheres andarem desacompanhadas na rua, o que levou esse movimento feminista ao colapso.

As desordens que se seguiram ao golpe militar de 861, e a perda do Império, levaram à devastação da economia. **Nesse momento, esperava-se que todos redobrassem seus esforços para salvar o país da bancarrota, mas nada foi feito.** Ao contrário, nesse período de declínio do comércio e falta de dinheiro, foi decretado a semana útil de cinco dias em Bagdá.

Quando eu li essa descrição da Bagdá do século X, eu mal podia acreditar nos meus olhos. Disse pra mim mesmo: “só pode ser uma piada!” Essa descrição podia ter saído do Times [jornal inglês] de hoje. **A semelhança nos detalhes era especialmente inacreditável – o declínio do Império, o abandono da moral, cantores pop com seus**

**alaúdes (ou guitarras), a invasão das mulheres no mercado de trabalho, a semana de cinco dias úteis.** Nem ao menos tentei imaginar uma explicação! Existem mistérios sobre a vida humana que estão além da nossa compreensão.

## **XXV – Ideologia Política**

Hoje em dia nós atribuímos imensa importância à ideologia na nossa política interna. A mídia tanto nos EUA quanto na Inglaterra desdenha incessantemente qualquer sistema político que não seja uma cópia da nossa ideia de democracia. **É, portanto, interessante notar que o tempo de vida de uma grande nação não tem nada a ver com a natureza do seu sistema político.**

Impérios do passado adotaram praticamente todas as variações possíveis dos sistemas políticos, mas mesmo assim, todos eles passaram pelas mesmas Eras dos Pioneiros, Conquista, Comércio, Apogeu, Declínio e colapso.

## **XXVI – O Império Mameluco**

O Império Mameluco no Egito é um caso à parte, devido a ele ser um dos impérios mais exóticos jamais registrados na História. Ele também é excepcional devido ao fato de ter se iniciado num dia determinado e terminado em outro, não deixando dúvidas sobre a sua duração, de 267 anos.

Na primeira metade do século XIII, o Egito e a Síria eram regidos pelos sultões Ayoubid, descendentes de Saladino. Seu exército era formado pelos mamelucos, escravos infantis “importados” das estepes e treinados como soldados profissionais. No dia Primeiro de Maio de 1250, eles se amotinaram, mataram Turan Shah, o sultão Ayoubid da época, e se tornaram os governantes do Império.

Os primeiros 50 anos do Império mameluco foram marcados pela luta desesperada contra os, até então, invencíveis mongóis, descendentes de Genghis Khan, que haviam invadido a Síria. Ao vencê-los e expulsá-los da Síria, os mamelucos salvaram o Mediterrâneo do terrível destino que havia caído sobre a Pérsia. E em 1291, os mamelucos capturaram o Reino de Acre, pondo um fim aos reinos cristãos na Palestina, e às Cruzadas.

De 1309 a 1341, o Império mameluco foi sempre vitorioso e possuía o melhor exército do mundo. Pelos próximos 100 anos, a riqueza do Império Mameluco foi fabulosa, lentamente indo em direção da luxúria, do relaxamento na disciplina e por fim no declínio, devido a amargas rivalidades internas. Finalmente o Império caiu em 1517, como resultado da derrota militar frente aos Otomanos.

Hoje, o governo mameluco nos soa incrivelmente ilógico e fantástico. A classe dominante era toda recrutada [traduzindo: escravizada] nas estepes do sul da Rússia [e norte da África]. Cada um deles começou como um soldado raso. Mesmo os sultões começaram suas carreiras como soldados e foram subindo através dos rankings. Apesar disso, esse sistema político deu num império que passou por todos os estágios que já conhecemos, de conquista, comércio, afluência e declínio, e pela mesma quantidade de tempo.

## XXVII – A raça mestre

Os povos das grandes nações do passado parecem ter acreditado que sua preeminência iria durar para sempre. Roma parecia aos seus cidadãos ser destinada a sempre ser a senhora do mundo. Os califas Abásidas de Bagdá declararam que Deus tinha decretado que eles governariam a Humanidade até o dia do Julgamento. Setenta anos atrás [hoje: 110 anos atrás] muitos britânicos acreditavam que o Império iria durar para sempre. Mesmo que Hitler tenha falhado, ele havia declarado que a Alemanha iria dominar o mundo por 1000 anos. Tais sentimentos podiam ser ditos sem evocar o escárnio que, em todas as eras, a ascensão e queda dos impérios passava despercebida. O simples estudo das estatísticas prova a troca de cadeiras entre as nações como a regra, em intervalos regulares.

A certeza de que a nação iria dominar o mundo para sempre, naturalmente encorajava seus cidadãos a atribuírem sua liderança a alguma virtude hereditária. Estava no seu sangue, eles acreditavam, qualidades que criaram uma super-raça, ilusão que os inclinava a empregarem trabalhadores imigrantes (ou escravos) para fazerem trabalhos servis e a contratarem mercenários para lutarem suas batalhas e navegarem seus barcos.

Os cidadãos mais pobres do Império ficavam felizes em migrar para as ricas cidades do país, e como vimos, adulterar o caráter homogêneo da raça conquistadora. **Estes, inconscientemente, pensam que sempre serão os líderes do mundo, relaxam, e usam cada vez mais o seu tempo em divertimentos, lazeres ou esportes.**

Nos últimos anos [década de 70] espalhou-se no Ocidente a ideia de que o ‘progresso’ viria automaticamente, sem esforço algum, que todos iriam se tornar mais ricos, e que cada ano iria mostrar uma ‘elevação na qualidade de vida’. **Parece que não aprendemos a conclusão óbvia que o sucesso material é resultado de coragem, persistência e trabalho duro – uma conclusão óbvia que deveríamos ter tirado ao observar a meteórica ascensão de nossos ancestrais.** A arrogância de se acreditar superior parece vir de mãos dadas com a luxúria, e ambas conspiram para minar o caráter original da raça dominante.

## XXVIII – O Estado de bem-estar social

Quando o Estado de bem-estar social chegou à Inglaterra, ele foi saudado como um novo marco na história da Humanidade.

**A História, porém, sugere que a Era de Declínio de uma nação é normalmente marcada por um período marcado pela filantropia e simpatia por outras raças.** Essa fase não entra em contradição com o que foi dito em outro ponto, que a raça dominante se acha no direito de governar o mundo, já que os cidadãos dessa nação já desfrutavam das graças da “Senhora Caridade”. **Desde que mantenha seu status como governante, o povo do império se sente bem em ser generoso, até mesmo condescendente.** Os direitos de cidadania são generosamente outorgados a todas as raças, mesmo àquelas anteriormente submissas, e a igualdade entre todos os homens é proclamada. O Império Romano passou por isso, quando a igualdade de cidadania foi aberta a todos os povos em seus domínios, permitindo até mesmo aos cidadãos das províncias se tornarem senadores e imperadores.

O Império Árabe de Bagdá foi igualmente, talvez até mais, generoso. Durante a Era das Conquistas, a classe dominante era composta somente pelos árabes puros, mas no século IX o império já era completamente cosmopolita.

Assistência do Estado aos pobres e jovens era igualmente generosa. Estudantes universitários recebiam ajuda de custo até receberem seus diplomas. Da mesma forma, o Estado Árabe fornecia tratamento médico gratuito aos mais pobres. O primeiro hospital público gratuito foi aberto em Bagdá no reinado de Harun al-Rashid (786-809), e no reinado do seu filho, Mamun, hospitais públicos foram abertos em todo o império, da Espanha ao Paquistão.

A impressão de que você será sempre rico faz com que o império em sua decadência gaste seu dinheiro de forma generosa, até que chega a hora em que a economia entra em colapso, as universidades falem e os hospitais públicos são forçados a fechar suas portas.

Talvez seja incorreta a figura do Estado de bem-estar social como o marco mais alto do desenvolvimento humano. Mais provável, ele é somente mais um marco na história de um Império que chega ao seu final.

## **XXIX – Religião**

Historiadores do período de decadência muitas vezes falam de um declínio na religião, mas, se estendermos nossa investigação de um período cobrindo os assírios (859-612 a. C.) até os nossos tempos, teremos que interpretar “religião” num sentido bem amplo. Algo nos termos de ‘o sentimento humano de que há alguma coisa, um Poder invisível, separado do mundo material, que controla a vida humana e o mundo natural’. Talvez sejamos muito restritos e desdenhosos em nossa interpretação da “adoração de ídolos”. Os povos das antigas civilizações eram tão sensíveis como nós, e dificilmente seriam tão obtusos a ponto de venerar estátuas que eles próprios fizeram. O ídolo para eles era somente um símbolo, uma representação do desconhecido, da realidade espiritual, que controlava a vida dos homens e requeria obediência aos seus preceitos morais.

Nós sabemos muito bem que pequenas diferenças na interpretação da religiosidade frequentemente se tornam o motivo de guerras, com ambos os lados clamando estarem lutando pelo verdadeiro Deus, mas a estreiteza das concepções humanas não deveriam nos cegar para o fato de que, muitas vezes, ambos os lados realmente creem estarem certos. Genghis Khan, um dos conquistadores mais brutais da Humanidade, clamava que Deus havia-lhe delegado a tarefa de exterminar todas as raças decadentes do mundo civilizado. Portanto a Era dos Conquistadores muitas vezes têm uma atmosfera religiosa, que implicava auto-sacrifício em nome da vitória.

Mas esse espírito de dedicação é lentamente erodido na Era do Comércio. As pessoas começam a fazer dinheiro para elas mesmas, e não mais pelo país. Esses períodos de abundância gradualmente dissolvem o espírito de servir [à nação], que foi o motivo inicial da ascensão dessa raça.

No tempo devido, o egoísmo permeia a comunidade, levando a uma desintegração dos seus ideais. Depois, como vimos, vem o período de pessimismo, acompanhado da

frivolidade e da indulgência sexual, subprodutos do desespero. É inevitável que nessas horas os homens olhem para trás em direção aos “velhos e bons tempos”, quando o espírito de auto-sacrifício era forte o suficiente para tornar os homens prontos a se doarem e a servirem [à nação e aos outros], no lugar de simplesmente quererem tudo para si.

Mas mesmo que o desespero permeie grande parte da população, outros percebem que somente a coragem do sacrifício de si mesmo permite a uma comunidade sobreviver. Alguns dos maiores santos da História viveram em tempos de decadência, levantando a bandeira do dever e do auto-sacrifício contra a maré de desespero e devassidão.

As sementes do renascimento religioso são silenciosamente plantadas no apogeu do vício e da frivolidade. Depois, talvez, gerações (ou mesmo séculos) de sofrimento, a nação empobrecida é purgada do egoísmo e amor pelo dinheiro, a religião ganha força e uma nova era começa. “É bom para que eu seja afligido”, fala o Salmo, “para assim aprender Seus Estatutos”.

### **XXX – Novas combinações**

Nós traçamos a ascensão de uma raça obscura para a fama, durante os períodos de conquista, comércio, abundância, e intelectualismo, para a desintegração, decadência e desespero. Sugerimos que a raça dominante espalha suas principais características mundo afora, até que chega a hora de outro império surgir. Várias raças se sucederam no mundo como superpotências, assim legando suas características para toda a Humanidade.

Mas pode chegar o dia no qual todas as raças do mundo já tenham desfrutado do seu período de esplendor e caído na decadência. Quando esse dia chegar, de onde virá a nova raça conquistadora? **[ALIENS – xD]**

A resposta é parcialmente obscurecida pela nossa tendência de dividir a raça humana em nações, como se fossem compartimentos fechados.

Em tempos mais antigos, nômades invadiam os territórios de povos decadentes e se estabeleciam ali. No tempo devido, eles se casavam com a população local e uma nova raça surgia, mesmo que ela continuasse com seu velho nome. Os invasores bárbaros de Roma são o exemplo mais conhecido no Ocidente. Outros são os invasores árabes na Espanha, Norte da África e Pérsia, os conquistadores turcos do Império Otomano, ou mesmo a conquista normanda da Inglaterra.

Em todos esses casos, os países conquistados já eram habitados e os invasores vieram na forma de exércitos, que ali ficaram e criaram uma nova raça com a população local. Atualmente, existem uns poucos povos nômades no mundo, que poderiam invadir outros países, trazendo suas tendas e gado com eles. Mas a facilidade de viajar, resultou numa igual, ou provavelmente maior, mistura das populações. As agruras da política moderna produzem um constante fluxo de migrantes de um país para outro, onde as instituições sociais lhes servem melhor.

Os reveses do comércio e dos negócios internacionais também resultaram em muitas pessoas se mudando para outros países, num primeiro momento de forma provisória, mas finalmente se estabelecendo de forma permanente.

A população da Inglaterra tem mudado constantemente, particularmente nos últimos 60 anos [atualmente 100 anos], devido ao influxo de imigrantes da Europa, Ásia e África, e à saída dos britânicos para as antigas colônias e para os EUA. Este é, claro, o exemplo mais óbvio da constante ascensão de novas nações, e a transformação do conteúdo étnico das velhas nações através do nomadismo moderno.

### **XXXI – Decadência de um sistema**

**É de nosso interesse notar que a decadência é a desintegração de um sistema, não de seus membros.** Os antigos hábitos dos membros da comunidade têm sido corrompidos pelo desfrute de muito dinheiro e muito poder, por muito tempo. O resultado é que eles se tornam egoístas e ociosos. Essa comunidade declina, brigas internas começam a se manifestar pela divisão do butim que diminui a cada dia, e finalmente surge o pessimismo, do qual alguns se esforçam para fugir, se afogando em sensualidade e frivolidade. **Nessas comunidades, se torna impossível usar seus pensamentos e energia de outra maneira. [Vejam os exemplos da Europa e dos EUA atuais.]**

Mas quando os membros dessas comunidades emigram para outros países, eles não permanecem decadentes, pessimistas ou imorais. **Assim que conseguem se libertar da antiga forma de pensar e agir, eles conseguem se tornar cidadãos normais em seus novos países.** Alguns, na segunda ou terceira geração, tornam-se líderes nessas novas comunidades.

**Isso prova que o declínio de uma nação não mina as energias ou o caráter de seus membros.** Nem a decadência de tais nações empobrece, permanentemente, a raça humana. Decadência é uma deterioração tanto mental quanto moral, produzida pelo lento declínio da comunidade do qual seus membros não conseguem escapar, desde que permaneçam no mesmo ambiente. **Mas, ao se mudarem para outro lugar, eles rapidamente descartam as ideias de decadência, e provam serem iguais ou melhores do que o povo original do seu país de adoção.**

### **XXXII – A decadência não é física**

Tampouco essa decadência é física. Os cidadãos das nações em declínio são algumas vezes descritos como efeminados demais para fazerem grandes esforços ou aguentarem uma vida dura [hipsters? Emos?]. Mas isso não parece ser verdade. Os cidadãos das grandes nações são normalmente mais fortes e altos que os invasores bárbaros [que fundaram o império].

Além disso, como foi provado pelos britânicos na I Guerra Mundial, jovens acostumados a uma vida de luxo e fartura tiveram pouca dificuldade a se ajustarem à vida nas trincheiras. A história das descobertas prova o mesmo. Homens acostumados a uma vida confortável na Europa ou na América do Norte foram capazes de mostrar a mesma resistência que os nativos ao cavalgar camelos através de desertos ou ao abrirem seu caminho em selvas tropicais.



Decadência é uma doença tanto espiritual quanto moral, resultado de um período muito longo de riqueza e poder, que produz o cinismo, declínio da religião, pessimismo e frivolidade. Os cidadãos de tais nações não irão mais fazer um esforço para se salvar, **porque eles se convencem de que não há nada na vida que valha a pena ser salvo.**

### XXXIII – A diversidade humana

Generalizações são sempre perigosas. Os seres humanos são muito diferentes entre si. A variedade da vida humana é infinita. Se é tal o caso com pessoas, o será ainda mais com nações e culturas. Duas sociedades, duas culturas, duas pessoas, nunca serão perfeitamente iguais. Nesse caso, fica fácil para os críticos encontrarem objeções à teoria apresentada, e apontar as exceções à regra.

Existe valor em comparar a vida das nações com a dos indivíduos. Não existem duas pessoas completamente iguais no mundo. Ainda mais quando suas vidas são afetadas por acidentes ou doenças, tornando-as ainda mais divergentes. As características das fases da infância, adolescência, juventude, meia-idade e velhice são todas conhecidas. Alguns adolescentes, é verdade, são mais sábios e sérios. Algumas pessoas na meia-idade ainda parecem jovens. Mas essas exceções não invalidam as características gerais da raça humana, do berço ao túmulo.

Eu me arrisco a dizer que a vida das nações passa por um padrão semelhante. Na superfície, todas parecem ser completamente diferentes. Alguns anos atrás, foi submetida a ideia de criar uma série sobre a História Árabe a uma rede de TV. A proposta foi imediatamente vetada pelo diretor da programação com o seguinte argumento, “quem *na face da Terra* iria se interessar pela história de árabes medievais hoje em dia?”

Mas, na verdade, a história da Arábia medieval – da conquista de territórios para o comércio, abundância, intelectualismo, ciência e decadência – é o exato precursor da História do Império Britânico e durou quase o mesmo tempo.

Se historiadores britânicos, um século atrás, tivessem dedicado seu tempo ao estudo do Império Árabe, eles poderiam ter previsto quase tudo que ocorreu com a Grã-Bretanha até 1976.

### XXXIV – Uma variedade de declínios

Mostramos que, normalmente, a ascensão e queda das nações é devida somente a razões internas. Dez gerações é o suficiente para transformar o duro empreendedor do passado no cauteloso cidadão do Estado de bem-estar social. Mas, enquanto que a história das grandes nações tem uma uniformidade inesperada, a natureza de suas quedas depende largamente de circunstâncias externas e, portanto, mostra um grande nível de diversidade.

A República Romana foi seguida pelo Império, que se tornou uma superpotência e no qual todos os nativos do Mediterrâneo, não importando sua raça ou origem, se tornaram cidadãos romanos. O nome Roma, originalmente uma cidade-estado, foi passada para um Império internacional e igualitário.

Esse império se dividiu em dois, a parte ocidental invadida por bárbaros do norte, e a parte oriental formando o Império Bizantino.

O vasto Império Árabe se dividiu no século IX em muitos pedaços, sendo que um deles, a Espanha Muçulmana, se tornou um império independente que durou aproximadamente 250 anos. As terras nativas da Síria e do Iraque, porém, foram conquistadas por sucessivas ondas de turcos aos quais eles se tornaram servos pelos próximos 1000 anos.

O Império Mameluco do Egito e da Síria, por outro lado, foi conquistado em uma única campanha pelos otomanos, a população local simplesmente sofrendo uma troca nos seus mestres.

O Império Hispânico (1500-1750) também durou os conhecidos 250 anos, terminando devido à perda das suas colônias. A Espanha perdeu, de fato, seu status de superpotência, mas permanece uma nação soberana até hoje.

A Rússia dos Romanov (1682-1916) durou aproximadamente o mesmo tempo, sendo seguida pela União Soviética.

É desnecessário insistirmos nesse ponto: **qualquer regime que conquiste grandes riquezas e poder parece, com regularidade impressionante, decair e desmoronar em 10 gerações.** O destino final de seus pedaços, porém, não depende da sua natureza interna, mas das organizações que existem na época do seu colapso e que se dedicam a devorar sua herança. Por conseguinte, a vida dos grandes impérios é surpreendentemente uniforme, mas o resultado final de suas quedas, completamente diverso.

### **XXXV – Inadequação dos nossos estudos históricos**

Na verdade, as modernas nações do Ocidente têm derivado somente um valor limitado dos seus estudos históricos, porque eles nunca o fazem vasto o bastante. **Para que o estudo da História tenha significado, já vimos, ela deve ser a História de toda a raça humana.**

Longe de chegar nesse ideal, nossos estudos históricos são largamente limitados aos estudos de nosso próprio país. Portanto, o fator tempo é limitado demais para permitir que percebamos o ciclo de vida da ascensão e queda das nações. Como aquele executivo de TV indicou [no capítulo XXXIII], nunca passou pelas nossas cabeças que períodos mais longos [e diversos] da História Mundial poderiam ser de nosso interesse.

Quando lemos sobre a história de nosso país, as ações de nossos antepassados nos são descritas como gloriosas, enquanto àquelas de outros povos são mostradas como ardilosas, tirânicas ou covardes. Assim, nossa história não é, intencionalmente, baseada nos fatos. Nós somos educados para não aceitarmos que as ações de nossos antepassados possam ter sido covardes ou mesquinhas.

**Alternativamente, existem ‘escolas políticas’ da História, inclinadas a desacreditar as ações de nossos líderes do passado, para assim suportar movimentos políticos**

**modernos. Em todos esses casos, o estudo da História não busca encontrar a verdade, mas sim, funcionar como um sistema de propaganda, devotado à realização de projetos modernos [ex: Escola de Frankfurt, marxismo cultural e outros] , ou à gratificação da vaidade nacional.**

As pessoas dificilmente poderão ser consideradas culpadas por não aprenderem a partir da História que lhes é ensinada. **Não há nada para aprender dela, porque ela não é verdadeira.**

### **XXXVI – Pequenas nações**

A palavra ‘império’ foi usada nesse ensaio para identificar nações que atingiram o status de grandes poderes, ou superpotências, no jargão de hoje – nações que dominaram o cenário internacional por dois ou três séculos. Na mesma época, porém, existiram pequenos Estados que eram mais ou menos autônomos. Eles têm o mesmo ciclo de vida das superpotências, e passam pelas mesmas fases?

É impossível generalizar nessa questão. No geral, a decadência é o resultado de um período muito grande de poder e riqueza. Se o pequeno país não participou da fase de riqueza e poder, ele não irá participar da fase de decadência.

### **XXXVII – O padrão emergente**

Apesar da variação infinita de complicações da vida humana, um padrão parece emergir de nossas considerações. Elas revelaram muitos impérios cobrindo um período de 3000 anos, seguindo todos os mesmos estágios de desenvolvimento e declínio, e tendo, num grau surpreendente, um ciclo de vida muito similar.

A expectativa de vida de uma futura grande nação começa, aparentemente, com uma violenta e imprevista explosão de energia, e termina com uma queda gradual nos padrões morais, cinismo, pessimismo e frivolidade.

Se o autor fosse um milionário, ele tentaria estabelecer uma cadeira de estudos em alguma universidade dedicada somente ao estudo do ritmo de ascensão e queda das nações no mundo. Nossa História somente vai atrás cerca de 3000 anos, porque antes a escrita não era suficientemente divulgada para permitir a sobrevivência de documentos. Mas, dentro desse período, o número de impérios disponíveis para estudo é grande.

No início desse ensaio, os nomes de 11 impérios foram listados, mas eles incluem somente o Oriente Médio e algumas nações modernas do Ocidente. Índia, China e América do Sul não foram incluídas, já que o autor não sabe nada a respeito delas. Uma cadeira de estudos dedicada a esse assunto encontraria pelo menos mais 24 grandes poderes para dissecação e análise.

Não seria uma tarefa fácil, se na verdade estendermos esse estudo para todas as grandes nações do mundo, nesse intervalo de 3000 anos. Só o conhecimento de línguas necessário para conseguir informações detalhadas, seria um obstáculo formidável.

### **XXXVIII – Isso ajudaria?**

É prazeroso imaginar que, de tais estudos, um padrão regular das nações surgiria, incluindo a análise das várias mudanças que finalmente levariam ao declínio, decadência e ao colapso. **É tentador imaginar que medidas poderiam ser tomadas para prevenir os efeitos desastrosos do excesso de luxo e poder, e a subsequente decadência.** Talvez alguns meios pudessem ser concebidos para prevenir que as Eras das Conquistas e do Comércio acabassem na Era do Intelecto, que produz discussão sem fim e nenhuma ação.

É tentador pensar assim. Talvez se o padrão da ascensão e queda das nações fosse ensinado nas escolas, o público poderia perceber a verdade, e poderiam apoiar medidas que mantivessem o espírito do dever e auto-sacrifício, e que impedissem o acúmulo de excessiva riqueza por uma nação, que fatalmente levaria à desmoralização dessa potência.

**O sentimento de dever e de iniciativa não poderiam ser cultivados em paralelo com o desenvolvimento intelectual e as descobertas da ciência?**

A resposta é duvidosa, mas nós podemos tentar. As fraquezas do espírito humano, porém, são tão óbvias, que não temos como ser confiantes no sucesso dessa empreitada. Homens cheios de coragem, energia e auto-confiança dificilmente serão contidos da vontade de sujeitar seus vizinhos, da mesma forma que pessoas que vejam a possibilidade de riqueza dificilmente seriam impedidas de persegui-la.

Talvez não seja do interesse da Humanidade que elas sejam impedidas, já que é em períodos de riqueza que a Arte, a arquitetura, a música, a Ciência e a literatura fazem seus maiores progressos.

Ademais, como vimos na questão dos grandes impérios, o seu estabelecimento pode levar a grandes guerras e tragédias, mas ao chegarem ao poder, eles trazem paz, segurança e prosperidade a vastas áreas do mundo. Nosso conhecimento e experiência são inadequados para dizer se o surgimento e queda dos impérios é o melhor sistema para vivermos no melhor dos mundos.

Essas dúvidas, porém, não devem nos impedir de tentar adquirir mais conhecimento do surgimento e queda dos grandes poderes, **ou de tentar melhorar a qualidade das nossas vidas, através de tal conhecimento.**

Talvez, na verdade, descubramos que os sucessivos surgimentos e quedas de impérios é um processo inevitável, e, na verdade, divinamente ordenado. Mas mesmo isso seria um ganho imenso. Porque, com isso, nós saberíamos onde nos encontramos em relação aos outros seres humanos. No presente estado de confusão em que estamos, nós nos dividimos em nações, partidos e comunidades e lutamos, odiamos e vilipendiamos uns aos outros sobre acontecimentos que talvez sejam divinamente ordenados e que parecerão, para nós, se tivermos uma visão mais ampla, completamente incontrolláveis e inevitáveis. Se pudermos aceitar esses grandes movimentos como além do nosso controle, não haverá mais desculpas para odiarmos uns aos outros baseados nessas premissas.

Por mais variada, confusa e contraditória que a história religiosa do mundo nos pareça, os mais nobres e espiritualizados fiéis de todas as religiões chegam à conclusão de que o

Amor é a chave da vida humana. Qualquer avanço no conhecimento que leve a uma redução em nossos ódios injustificados é algo que vale a pena.

### **XXXIX – Sumário**

Como vários pontos de interesse surgiram nesse ensaio, eu o fecharei com um breve sumário para ajudar a refrescar a memória do leitor.

- a) Não aprendemos as lições que a História nos passa, porque nossos estudos dela são curtos e preconceituosos.
- b) De uma maneira surpreendente, 250 anos é o tempo médio de vida de uma grande nação.
- c) Esse padrão não se alterou em 3000 anos de história registrada. Ele representa dez gerações?
- d) Os estágios do ciclo de vida dessas nações é o seguinte:
  - a. A Era dos Pioneiros
  - b. A Era das Conquistas
  - c. A Era do Comércio
  - d. A Era da Abundância
  - e. A Era da Decadência.
- e) A Era da Decadência é marcada pelo:
  - Pessimismo
  - Materialismo
  - Frivolidade
  - Defesa
  - Uma afluência de estrangeiros
  - O enfraquecimento da religião
  - O Estado do bem-estar social.
- f) A decadência é devido a:
  - um período muito longo de riqueza e poder
  - egoísmo
  - ganância
  - perda do senso de dever [à nação ou à comunidade].
- g) O ciclo de vida dos grandes Estados é surpreendentemente similar, e ocorrem devido a fatores internos.
- h) Suas quedas são diversas, porque ocorrem largamente devido a fatores externos.
- i) A História deveria ser ensinada como a História da Raça Humana, mas obviamente com ênfase na história do país do aluno.